



8 • Correio Braziliense — Brasília, segunda-feira, 13 de abril de 2026

<b>Bolsas</b> Na sexta-feira	<b>Pontuação B3</b> IBovespa nos últimos dias	<b>Dólar</b> Na sexta-feira	<b>Salário mínimo</b> Últimos	<b>Euro</b> Comercial, venda na sexta-feira	<b>CDI</b> Ao ano	<b>CDB</b> Prefixado 30 dias (ao ano)	<b>Inflação</b> IPCA do IBGE (em %)
↑ 1,12% São Paulo	↓ 0,56% Nova York	188.161	6/abril 5,146 7/abril 5,155 8/abril 5,102 9/abril 5,063	R\$ 5,877	14,65%	14,57%	Novembro/2025 0,18 Dezembro/2025 0,33 Janeiro/2026 0,33 Fevereiro/2026 0,70 Março/2026 0,88
7/4 8/4 9/4 10/4		R\$ 5,011 (-1,03%)					

## DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO

Expansão da inteligência artificial pressiona investimentos em infraestrutura sem colocar em risco a segurança energética global. Para especialistas, a energia nuclear pode ser uma das alternativas para atender a demanda crescente

# Consumo de energia em alta com IA

» PEDRO JOSÉ\*  
» CAETANO YAMAMOTO\*

O avanço das tecnologias de inteligência artificial e aprendizado de máquina têm ampliado a demanda por eletricidade em escala global. Segundo o Departamento de Energia dos Estados Unidos, os data centers podem consumir até 12% de toda a produção de energia do país até 2028.

Com o avanço tecnológico cada vez maior, os centros exigem um fornecimento de energia estável e contínuo para atender a demanda crescente. Especialistas no setor explicam que a energia nuclear aparece como uma das alternativas para demanda, por operar de forma ininterrupta e com alta capacidade de geração — elas funcionam por períodos de 18 a 24 meses sem interrupção, com paradas programadas de curta duração para reabastecimento.

Estimativas indicam que a interrupção de um data center pode gerar perdas superiores a US\$ 8 milhões por dia. Por isso, a estabilidade energética é essencial para o setor. Para resolver o problema, novas tecnologias em desenvolvimento buscam ampliar, ainda mais, a eficiência das usinas, com projetos que preveem ciclos de operação de até 10 anos sem necessidade de reabastecimento.

O aumento do consumo por conta da necessidade tecnológica também pressiona a expansão da infraestrutura energética. Projeções apontam que a demanda dos data centers pode crescer até 175% até 2030. Esse cenário afeta novos projetos, com até metade das iniciativas enfrentando risco de atraso por limitações no fornecimento de energia.

Empresas de tecnologia têm buscado alternativas para garantir suprimento. Entre as estratégias estão investimentos em geração própria, com fontes como energia solar, eólica e nuclear, além de sistemas de armazenamento em larga escala.

A empresa de inteligência artificial OpenAI, dona do ChatGPT, negocia um possível acordo com a startup de fusão nuclear Helion para fornecimento de energia. A proposta prevê acesso a até 12,5% da produção da empresa, com meta de atingir cinco gigawatts até 2030 e 50 gigawatts até 2035.

Para viabilizar essa produção, a Helion estima a construção de cerca de 800

reatores. A tecnologia utilizada difere de modelos tradicionais ao converter diretamente a energia da fusão em eletricidade por meio de campos magnéticos, sem necessidade de turbinas a vapor. A busca por soluções energéticas é apontada como um dos principais fatores para sustentar o crescimento da inteligência artificial e de outras áreas com alta demanda elétrica, como transporte e indústria.

Na avaliação de Rômulo Ribeiro Valadares, professor nos cursos de análise e desenvolvimento e engenharia de Software no Centro Universitário Uniceplac, o crescimento da inteligência artificial impõe um desafio direto à sustentabilidade energética. Segundo ele, a lógica predominante no setor, baseada na ampliação contínua da capacidade, entra em conflito com os limites ambientais. “O avanço da inteligência artificial aumenta muito o consumo de energia, e isso não pode ser ignorado”, afirma. Para o especialista, o caminho passa por tornar os sistemas mais eficientes e ampliar o uso de fontes limpas.

O professor destaca que, embora a fusão nuclear seja apontada como alternativa de longo prazo, a dependência exclusiva dessa tecnologia representa um risco.

Sobre as projeções de expansão da fusão, com metas de instalação de centenas de reatores nas próximas décadas, Valadares afirma que os prazos devem ser analisados com cautela. “A história da energia mostra que novas tecnologias costumam levar décadas para se tornarem viáveis em escala”, explica.

O avanço da inteligência artificial também passa a depender diretamente da infraestrutura energética. Para o especialista, a limitação não está apenas no desenvolvimento tecnológico.

Diante desse cenário, empresas têm adotado estratégias para reduzir a dependência da rede elétrica tradicional, com investimentos em geração própria e sistemas de armazenamento. Segundo Valadares, esse movimento tende a se consolidar. “Criar microrredes e investir em geração local é uma forma de garantir previsibilidade e reduzir riscos”, diz. Ele avalia que o modelo mais provável será híbrido, combinando energia da rede com produção própria.

O aumento da demanda também levanta debates sobre a priorização do uso de energia. Com a expectativa de crescimento expressivo no consumo dos data centers, o professor aponta a necessidade

de planejamento. “Energia é um recurso essencial para a vida, então o abastecimento das residências deve ser prioridade. Ao mesmo tempo, a inteligência artificial tem impacto econômico relevante”, afirma. Para ele, a solução passa por ampliar a oferta e estruturar políticas públicas que equilibrem o acesso.

Na avaliação de Ivan Camargo, especialista em energia e professor da Universidade de Brasília (UnB), as projeções para a expansão da fusão nuclear em larga escala ainda enfrentam limitações técnicas. Para ele, apesar dos avanços, a tecnologia não demonstrou viabilidade comercial consistente até o momento. “Há mais de 40 anos se fala em fusão nuclear, e ainda não tivemos testes que comprovem sua viabilidade em escala”, afirma. Para o professor, a expectativa de instalação de centenas de reatores nos próximos anos deve ser vista com cautela.

Diante da demanda crescente por eletricidade, especialmente nos data centers, Camargo aponta a energia nuclear tradicional como alternativa mais imediata. “A fusão nuclear fornece energia de forma contínua, 24 horas por dia, o que atende diretamente à necessidade dos centros de dados”, explica. Ele destaca que fontes renováveis, embora relevantes, apresentam intermitência, o que exige complementação para garantir estabilidade no fornecimento.

Sobre o crescimento da demanda elétrica, o professor afirma que a expansão dos data centers se soma a outras tendências, como a eletrificação de transportes e o aumento do consumo em países em desenvolvimento. “A tendência é de crescimento acelerado da demanda por energia, o que exigirá expansão da geração e da transmissão”, diz. Segundo ele, esse movimento pode ampliar a base de consumidores e contribuir para a diluição de custos no sistema, sem necessariamente provocar aumento tarifário generalizado.

A expansão global dos data centers também tem impactos diretos sobre o uso de recursos naturais, especialmente água e energia, e influencia a distribuição geográfica dessas estruturas. Dados da Cloudscene mostram que a América do Norte concentra 5.767 unidades, cerca de 48% do total global, com destaque para os Estados Unidos, que somam 5.427 instalações. Na Europa, são 3.346 centros, liderados por Alemanha e Reino Unido. Já a região da Ásia-Pacífico reúne 1.818 unidades, com a China à frente.

## IA consome recursos

América do Norte lidera a concentração de data centers. A região reúne cerca de 48% da infraestrutura global, com destaque para os Estados Unidos. Na América do Sul, o Brasil responde por aproximadamente 5% e já desponta como principal polo regional

### CONTINENTES QUE MAIS POSSUEM DATA CENTERS

Continente	Quantidade de data centers	Representatividade (%) do continente	Líder Regional
América do Norte	5.767	~48%	EUA (5.427)
Europa	3.346	~28%	Alemanha (529)
Ásia-Pacífico	1.818	~15%	China (449)
América do Sul	654	~5%	Brasil (197)
Oceania	401	~3%	Austrália (314)

### PAÍSES COM MAIS DATA CENTERS

País	Quantidade
<b>América do Norte</b>	
Estados Unidos	5.427
Canadá	337
Ilhas Cayman	3
<b>Europa</b>	
Alemanha	529
Reino Unido	523
França	322
Países Baixos	298
Rússia	251
Itália	168
Polônia	144
Espanha	144
Suíça	121
Suécia	95
Outros (34 países)	420
<b>Ásia-Pacífico</b>	
China	449
Austrália	314
Japão	222
Índia	153
Hong Kong	122
Singapura	99
Indonésia	88
Nova Zelândia	83
Outros (20 países)	288
<b>América do Sul</b>	
Brasil	197
México	173
Chile	59
Colômbia	41
Argentina	29
Peru	21
Outros (18 países)	134
<b>Oceania</b>	
Austrália	314
Nova Zelândia	83
Papua Nova Guiné	4

Fonte: Cloudscene

### CONSUMO DE ÁGUA DOS DATA CENTERS

Continente	País	Quantidade de Data Centers	Consumo Estimado de Água (bilhões de litros)
América do Norte	Estados Unidos	5.427	253,55
	Canadá	337	15,74
Europa	Alemanha	529	24,71
	Reino Unido	523	24,43
Ásia-Pacífico	China	449	20,98
	Austrália	314	14,67
América do Sul	Brasil	197	9,20
	México	173	8,08
Oceania*	Austrália	314	14,67
	Nova Zelândia	83	3,88



A América do Sul possui 654 data centers, sendo o Brasil responsável por 197.

Além da distribuição, o consumo de água associado ao resfriamento dessas estruturas tem ganhado relevância. A Agência Internacional de Energia apontou que o consumo global de água por data centers está na casa dos 560 bilhões de litros por ano. O relatório prevê que esse valor pode alcançar 1,2 trilhões de litros até 2030.

Segundo Fábio Catein, sócio da Elo-Group, o Brasil tem sido observado por empresas internacionais como destino para novos investimentos. “Acredito que

possa ser por conta de três pilares: energia limpa, abundância de recursos e localização geográfica”, afirmou.

O consumo de água, por sua vez, tem impacto regulatório distinto em diferentes países. Apesar do interesse crescente, a instalação de data centers no Brasil ainda enfrenta obstáculos. “O grande vilão sempre foi o chamado ‘Custo Brasil’. Até pouco tempo atrás, os impostos para importar servidores eram muito altos”, afirmou.

**Estagiários sob a supervisão de Veronica Soares**

## GESTÃO

# 6º Brasília Summit debate caminhos para aprimorar a administração pública

» FERNANDA STRICKLAND

Em um cenário marcado por juros elevados e crescente pressão sobre as contas públicas, o debate sobre a eficiência da gestão estatal volta ao centro da agenda econômica e institucional do país. É nesse contexto que Brasília sediará, em 15 de abril, o 6º Brasília Summit, encontro que reunirá autoridades públicas e representantes do setor produtivo para discutir caminhos para aprimorar a administração pública.

Promovido pelo LIDE - Grupo de Líderes Empresariais em parceria com o Correio Braziliense, o evento será realizado no Hotel Brasília Palace e terá como eixo central a eficiência da máquina pública. A programação prevê painéis sobre equilíbrio fiscal, qualidade do gasto, infraestrutura, modelos de gestão e inovação, além do uso de tecnologia na administração pública. O encerramento será dedicado

à consolidação dos principais pontos debatidos ao longo do encontro.

A discussão ocorre em um momento sensível para a economia brasileira. A taxa básica de juros (Selic) está em 14,75% ao ano, refletindo, entre outros fatores, preocupações com a trajetória fiscal. Ao mesmo tempo, a dívida bruta do governo geral atingiu 79,2% do Produto Interno Bruto (PIB) em fevereiro de 2026, evidenciando os desafios na condução das contas públicas.

Diante desse quadro, especialistas e autoridades destacam que a eficiência na gestão pública não se limita à redução de custos, mas envolve governança, transparência e capacidade de entrega de resultados à sociedade. Para o ministro do Tribunal de Contas da União, Augusto Nardes, o fortalecimento da governança é peça-chave nesse processo. “Não tem fórmula melhor para combater a corrupção senão com a governança. Sem ela, a corrupção aumenta e perde a credibilidade. Sem



O encontro contará com a presença de lideranças envolvidas na condução e fiscalização

confiança, perdemos investimentos. A nação não recebe mais investimentos por que não passa confiança”, afirmou.

O encontro também contará com

a presença de lideranças políticas e econômicas diretamente envolvidas na condução e fiscalização das políticas públicas. Estão confirmados

nomes como a governadora do Distrito Federal, Celina Leão, além dos governadores Mauro Mendes, de Mato Grosso, e Daniel Vilela, de Goiás. Participam, ainda, os ministros do TCU, Antonio Anastasia e o próprio Nardes, além de Henrique Meirelles, ex-ministro da Fazenda e ex-presidente do Banco Central, e Jean Paul Prates, ex-presidente da Petrobras.

A diversidade de participantes reflete a tentativa de construir uma abordagem integrada para os desafios da gestão pública, conectando visões do setor público e privado. Segundo João Doria, o evento já se consolidou como um espaço relevante para esse diálogo. “O Brasília Summit se consolidou como um espaço de convergência entre lideranças públicas e privadas, com foco em debates para construção de soluções para o país. A eficiência na gestão pública é um tema permanente e essencial para o desenvolvimento econômico e institucional”, afirma.